

MOTIVAÇÃO PARA AS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: PERSPECTIVAS A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Francisco Reynaldo Martins Gabriel (1); Fábio Marques de Souza (1);

Universidade Estadual da Paraíba;

reygabriel2007@hotmail.com

fabiohispanista@gmail.com

Resumo: Cada vez mais, temos à nossa disposição mecanismos digitais que podem ser importantes no processo de desenvolvimento de conteúdos programáticos para o campo escolar. Mais do que uma opção, o uso das tecnologias digitais constituem uma convocação em meio à era tecnológica que estamos vivenciando. Esse fato direciona-nos para a necessidade do desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipadoras eficazes. Nesse sentido, entendemos que o uso das tecnologias aliadas ao planejamento e à fomentação da busca pela aprendizagem podem auxiliar à prática em sala de aula e minimizar os desafios relativos ao ensino e aprendizagem de línguas e que ora apresentam-se cada vez mais pujantes. Dessa forma, constitui-se um grande desafio para a escola, usar as TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) como aliadas no processo de motivação para a sala de aula. É preciso buscarmos, cada vez mais, meios para que as teorias propostas encontrem práticas válidas. Diante dessa perspectiva, o artigo faz uma abordagem sobre do uso das TDIC no campo educacional, especialmente no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Reflete ainda sobre o ensino da língua inglesa no Brasil e as implicaturas emergentes a partir das TDIC. Traz ainda uma experiência com o *Hot Potatoes*, um software educacional, e discute como esse software pode contribuir para o processo de motivação para as aulas de língua inglesa.

Palavras-chave: Motivação; Ensino de Língua Inglesa; TDIC; Hot Potatoes;

Introdução

Cada vez mais, temos à nossa disposição mecanismos digitais que podem ser importantes no processo de desenvolvimento de conteúdos programáticos para o campo escolar. Mais do que uma opção, o uso das tecnologias digitais constituem uma convocação em meio à era tecnológica que estamos vivenciando.

Os diversos avanços tecnológicos nos permitem, nos dias atuais, estreitar os espaços existentes entre teoria e prática. O uso de mídias digitais tem se tornado um fator elementar, que aliado à prática mediadora, pode ser um instrumento significativo no processo educacional. A escola precisa ser atuante nesse aspecto: “A era digital exige também da escola uma postura inovadora frente à necessidade de criação de estratégias de ensino e aprendizagem a partir do uso dos recursos tecnológicos” (GABRIEL, 2014, p. 21).

Esse fato direciona-nos para a necessidade do desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipadoras eficazes. Para Cardoso e Matos (2012), com a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TDIC), e as suas diversas aplicações no contexto da escola, veio

confirmar-se o quanto podem constituir um instrumento eficaz no desempenho da atividade pedagógica. Nesse sentido, entendemos que o uso das tecnologias aliadas ao planejamento e à fomentação da busca pela aprendizagem podem auxiliar à prática em sala de aula e minimizar os desafios relativos ao ensino e aprendizagem de línguas e que ora apresentam-se cada vez mais pujantes.

Apreciando o posicionamento de Demo (2011), compreendemos que as TDIC estão sendo cada vez mais apreciadas para o campo do ensino e aprendizagem e, sugerindo especialmente para o papel do professor, um constante acompanhamento e reflexão dos desafios encontrados com a evolução dessas tecnologias.

Dessa forma, constitui-se um grande desafio para a escola, usar as TDIC como aliadas no processo de motivação para a sala de aula. É preciso buscarmos, cada vez mais, meios para que as teorias propostas encontrem práticas válidas.

Diante dessa perspectiva, a nossa pesquisa objetiva discutir acerca do uso das TDIC no campo educacional, especialmente no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Refletiremos sobre o ensino da língua inglesa no Brasil e as implicaturas emergentes a partir das TDIC. Verificaremos ainda como o *Hot Potatoes*, um software educacional, pode contribuir para o processo de motivação para as aulas de língua inglesa.

2. Aspectos históricos globais e aquisição nacional do ensino da língua inglesa

A relação entre a língua inglesa e o contexto internacional não é nada recente, muito embora vejamos nitidamente uma relevante influência nos dias atuais, o inglês já vem se destacando no cenário global há alguns séculos.

A partir de vários estudos, tornou-se de fácil entendimento o fato de que durante alguns séculos a Inglaterra fundamentou novas nações e criou diversos vínculos e meios de disseminação da sua cultura particular, por meio das suas expedições e descobertas, que objetivavam primordialmente as suas relações comerciais. De acordo com Vian Jr. (2008) a língua inglesa, primeiramente na Grã-Bretanha como língua nativa, espalhou-se pelos demais continentes alcançando diversos povos e nações por meio das colônias inglesas que se fincavam ao redor do mundo. Posteriormente, com a saída do domínio inglês, as colônias se tornaram independentes, porém continuaram utilizando a língua inglesa.

Com o desenvolvimento tecnológico surgiu uma nova motivação para se aprender uma língua estrangeira. O turismo também intensificou essa relação uma vez que o contato com pessoas de diferentes nações suscitava a necessidade de uma língua que facilitasse a comunicação pessoal.

Ao passar dos anos a língua Inglesa foi se tornando cada vez mais forte e pontual em todo o mundo. O inglês passou a ser a língua da comunicação. Diferentes nações passaram a adotar o ensino de Língua Inglesa entendendo que no contexto global, o uso do inglês seria o mais viável, isso para as mais diversas áreas como educação, turismo, cultura, negócios. O Inglês, hoje, é a língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades. (BRASIL, MEC, 1998)

É bem admissível que ao longo das últimas décadas, o avanço tecnológico, especialmente por parte dos Estados Unidos, foi um dos maiores responsáveis pela disseminação da língua inglesa e do seu fortalecimento global. O inglês passou a ser uma Língua Franca, ou seja, uma língua de uso e domínio internacional.

Quando pensamos no âmbito nacional, compreendemos que a Língua Inglesa já desde muitos séculos tem tido relação com o Brasil, caracterizando um processo que tem passado por muitas etapas, englobando aspectos políticos, culturais e comerciais ao longo do tempo.

Essa relação entre o Brasil e Inglaterra iniciou-se, pelo que se acredita, ainda no início da colonização dos portugueses no Brasil. A Inglaterra passou então a exercer uma forte influência na vida deste país, então, um império, causando mudanças grande significância, entre elas desenvolvimento da imprensa local (chamada de Imprensa Régia), o uso do telégrafo, do trem de ferro e da iluminação a gás. Nesse contexto de expansão e influência da cultura inglesa no território brasileiro, a LI começou a ter o seu espaço nas escolas brasileiras através do currículo escolar.

O ensino de inglês no Brasil teve inicialmente um caráter prático, objetivando primordialmente capacitar os profissionais brasileiros para atenderem à demanda do mercado de trabalho e visando o desenvolvimento do país, frente às necessidades alavancadas pelas relações comerciais com países estrangeiros, especialmente a Inglaterra.

O ensino formal da língua inglesa no Brasil teve início partir da assinatura do decreto de 22 de junho de 1809, assinado pelo Príncipe Regente de Portugal, que autorizou a criação de uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa. Algumas reformas ao longo das décadas

influenciaram o ensino de Inglês no Brasil. Essa disciplina teve sua popularidade aumentada a partir dos anos de 1920, com a chegada do cinema falado ao país. No entanto, apesar do prestígio alcançado após a segunda guerra, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 retirou a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira dos currículos do ensino médio.

Num panorama mais recente, a promulgação da última Lei de Diretrizes Básicas, tornou o ensino de línguas estrangeiras obrigatório a partir da 5ª série do ensino fundamental e em todo o ensino médio: *“Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.”* (BRASIL, Art. 26, parágrafo 5º, LDB, Lei 9.394/96)

Em nosso contexto atual, o Ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil, especialmente nas escolas públicas, segue duas orientações: as Leis de Diretrizes Básicas e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

A Secretaria Nacional de Educação levanta o seguinte conceito a respeito do ensino de Língua Estrangeira no Brasil:

A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. (BRASIL, MEC, 1998, p. 15)

Essa afirmação, apesar de pertinente às necessidades cognitivas do cidadão para a aprendizagem de uma língua estrangeira, encontra diversas barreiras em seus desenvolvimentos práticos quando verificamos que mesmo as escolas de ensino básico, tendo a maior responsabilidade sobre o ensino de línguas, divergem amplamente da prática, como atesta Santos (2011):

A proposta nas escolas públicas parece ser a mesma, mas na prática, os resultados são ainda mais modestos. Pesquisas revelam que o ensino da língua inglesa na maioria das escolas públicas está limitado à apresentação das regras gramaticais mais básicas, exemplificadas com frases curtas e descontextualizadas, treinadas em exercícios escritos de repetição e de substituição típicos do áudiolingualismo.

Com as lacunas deixadas pelas escolas de ensino básico no Brasil, as escolas de idiomas, ou escolas secundárias, tem apresentado um melhor desempenho, porém ainda aquém das exigências requeridas para o ensino de línguas.

Os próprios PCNS elencam alguns aspectos de entrave no atual cenário de ensino de línguas no Brasil: *“...falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de*

aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente.” (BRASIL, MEC, 1998, p. 24) Dessa forma, essas condições, que são a realidade da maioria das escolas brasileiras, podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas.

Esses levantamentos revelam a fragilidade do sistema educacional brasileiro, bem como, as metodologias vigentes no processo de ensino e aprendizagem também de língua inglesa. Mesmo com um histórico tão longo de relação com o Brasil, o ensino de Língua Inglesa encontra várias barreiras que impedem o seu desenvolvimento integral.

3. Motivação para as aulas de língua inglesa

Em meio a todo esse processo multifacetado que o ensino de língua está inserido, diversas dificuldades são encontradas, especialmente pela Língua Inglesa, em nosso contexto atual. Entraves esses que vão desde o Sistema Nacional de Educação até às nossas salas de aula.

Sendo assim, percebemos que vários fatores têm interferido no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa e isso tem sido cada vez mais forte. Embora exista um longo histórico de ensino de língua em nosso país, toda a estrutura que envolve o ensino tem sofrido em diversos aspectos.

A qualidade do ensino de Língua Inglesa em escolas públicas é alarmante, 80% dos professores acreditam que o ensino é ruim devido à ausência de material didático, à quantidade exorbitante de alunos em sala de aula e à falta desvalorização do idioma por parte da comunidade escolar e governo. (PIRES, 2010 p.11).

No contexto dessa problemática, ainda estão atreladas dificuldades relativas às capacidades de atração e concentração nas aulas de Língua Inglesa por parte dos discentes. Para a maior parte deles, as aulas não são atrativas, o que, conseqüentemente, limita às capacidades de concentração e motivação.

Segundo Shultz (2003) a motivação pode ser impulsionada tanto por fatores externos, como por fatores internos, podendo acontecer de forma direta ou indireta. Defende ainda que a cultura estrangeira deve ser parte integrante de um ambiente de aprendizagem de línguas. Já quanto à desmotivação, o autor afirma que essa é uma realidade bastante frequente nas salas de aula em que o ensino é formal, o que exige a criação de um ambiente diversificado, autêntico e contextualizado.

A motivação é realmente um fator necessário para o processo de ensino e aprendizagem e que envolve vários outros aspectos como nos afirma Frigotto (2006). O nível da situação de aprendizagem está ligado a motivos situacionais específicos enraizados em diversos aspectos da aprendizagem da língua estrangeira na atmosfera de sala de aula. Isso implica na abordagem dos fatores relativos aos componentes específicos do curso, os componentes específicos da motivação

do professor de língua de estrangeira, e os componentes relativos às características do grupo de alunos.

Ainda que a motivação seja um termo muito associado ao fator da cognição, os pesquisadores não descartam de maneira alguma o contexto e situação de aprendizagem. Conceitua-se diante disso que a motivação ocorre como a partir de uma combinação das mais diversas influências. Dessa forma, o fator motivação é, na verdade, um resultado de uma construção feita a partir de aspectos dinâmicos e relativos, como nos assegura Perine (2011).

Existe uma clara percepção de que aspectos como motivação e atração pelas aulas de língua inglesa tem sofrido rupturas relevantes em nosso contexto atual e isso tem sido cada vez mais frequente. O que implica em diversas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, é cada vez mais desafiante para o professor aprofundar-se no aperfeiçoamento da prática docente, tendo em vista o aspecto motivacional como parte essencial no processo de ensino e aprendizagem. “*O entendimento da motivação, portanto, requer uma compreensão do indivíduo como ser humano inserido num contexto social no qual interage, modificando-o e sendo modificado.*” (Michelon, 2003). A construção desse aspecto implicará no desenvolvimento de fatores contextuais que serão fundamentais durante o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa.

3. *Hot Potatos* no contexto das TDIC

Já destacamos que atualmente as tecnologias digitais da informação e comunicação fazem parte do cotidiano das pessoas e, cada vez mais, passam a ser uma realidade e também uma necessidade no contexto escolar. Uma das formas de trazer as tecnologias digitais para dentro da sala de aula é a produção de objetos interativos de aprendizagem por meio da utilização de softwares livres. Em vista disso, foi utilizado, no presente trabalho, o *Hot Potatoes* para a confecção de um objeto de aprendizagem.

Entre as várias ferramentas que podem ser aliadas ao processo de ensino e aprendizagem, destacamos o *Hot Potatoes*, que é um software livre para uso educacional que possibilita a elaboração de exercícios interativos utilizando páginas *web*. Trata-se de uma ferramenta que está à disposição do professor para auxiliar suas aulas, bem como no reforço das temáticas abordadas, funcionando também como aliado para a avaliação da aprendizagem, diagnósticos de conhecimentos prévios dos alunos, realização de sondagem. É ainda um recurso atraente para os alunos por se tratar de uma tecnologia por eles utilizada como entretenimento.

Segundo Antunes (2014) é um *software* que contém um conjunto de seis ferramentas ou programas de autor, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro de Informática e Mídia da Universidade de Victoria, Canadá. Com ele é possível elaborar seis tipos básicos de exercícios interativos a partir dos seguintes: JQuiz; JMix; JCross; JMatch; JCloze; e o The Masher.

A ferramenta escolhida foi o Jcross, tendo em vista a facilidade de utilização. Essa ferramenta permite elaborar exercícios de palavras cruzadas. Essa atividade a partir da ferramenta escolhida pode possibilitar aos alunos um reforço do conteúdo já abordado em sala de aula, bem como a potencialização de aspectos como criatividade, concentração e memorização. É perceptível que o Jcross é mais uma boa alternativa para que o professor elabore uma atividade dinâmica e atraente.

Diante dessa perspectiva, a nossa pesquisa objetiva verificar como o *Hot Potatoes* pode contribuir para o exercício de vocabulário nas aulas de inglês e como os alunos reagem mediante a utilização do JCross, bem como refletir sobre a motivação dos alunos do fundamental para as aulas de língua inglesa a partir do uso de jogos eletrônicos e cognitivos.

Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como descritivo-qualitativa porque envolve observação de um fenômeno social, com registro e análise, envolvendo interpretação dos dados gerados (PRESTES, 2012).

O estudo foi realizado com os alunos no 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Lopes da Silva, localizada no Sítio Santo Amaro, zona rural do Município de São Francisco. A referida pesquisa aconteceu no mês de agosto de 2016, com a participação de 19 alunos.

Em um primeiro momento, foi apresentado aos alunos o *software* e suas ferramentas, com foco para o Jcross, a ferramenta escolhida para a aplicação na aula. Na sequência, a turma foi dividida em duas equipes onde cada equipe teve que elaborar um jogo de palavras cruzadas, a partir da ferramenta JCross e do conteúdo (*Parts of the body*) abordado nas aulas anteriores. O *Hot Potatoes* já havia sido instalado nos computadores, dessa maneira, viabilizando tempo para a utilização do programa. Após essa etapa, cada equipe teve que responder ao jogo construído pela outra, com tempo estabelecido pelos alunos no próprio jogo.

Vale ressaltar que em todas as etapas, o acompanhamento e o auxílio do professor foram fundamentais para a execução da proposta do trabalho.

Resultados e Discussão

O uso de jogos eletrônicos e atividades diversificadas podem constituir boas alternativas para as aulas de língua inglesa. Analisaremos os dados conforme a descrição das sequências de ações realizadas na utilização do *Hot Potatoes*.

Inicialmente foi apresentado o software aos alunos, bem como dadas as instruções e regras para a atividade. É importante ressaltar que é necessária a delimitação de regras e condições para uma atividade em que utilizamos jogos. Os alunos precisam estar totalmente cientes daquilo que precisam ou não fazer. E como executarem as ações.

Um dos diferenciais dessa atividade é que os próprios alunos são construtores dos jogos. Após a turma ter sido dividida em Equipe A e Equipe B. Eles tiveram que, a partir das orientações recebidas na etapa anterior, escolher palavras no vocabulário e estruturar uma cruzadinha. Pudemos perceber que essa ação foi importante para potencializar a capacidade de socialização e raciocínio coletivos, uma vez que era necessária a divisão de tarefas e a tomada de decisões.

A observação dessa etapa nos faz entender que a era digital exige também da escola uma postura inovadora frente à necessidade de criação de estratégias de ensino e aprendizagem a partir do uso dos recursos tecnológicos. Entretanto, segundo SIMÕES (2010) mesmo com as muitas dificuldades encontradas nesse processo, o uso das mídias pode ser uma realidade em sala de aula. Porém essa é uma trajetória que acontece lentamente, mas que já aponta os primeiros passos dados na formação de educadores, levando em conta esse contexto midiático.



Figura 1 – Uso do *Hot Potatoes* (JCross) - Arquivo Pessoal

O *Hot Potatoes* é de fácil utilização. A proposta era para que os alunos construíssem seus jogos em 30 minutos. Ambas as equipes concluíram essa etapa em tempo inferior. Conforme essa observação, pudemos constatar que, a proximidade que eles têm as tecnologias digitais viabilizou a execução e a exploração da ferramenta. É válido destacar que, alunos que geralmente pouco participam de atividade escritas, mostraram-se mais envolvidos e entusiasmados com a atividade proposta. Embora, alguns poucos alunos tenham tido dificuldades de entrosamento, a maioria demonstrou grande interesse pela construção do jogo.

Nesse sentido, podemos refletir sobre a importância de atividades motivadoras nas aulas de língua inglesa. De acordo como nos coloca Leffa (2003), um dos pontos cruciais que pode resultar em um despertar motivacional para a aprendizagem é propiciar aos alunos um ambiente de sala de aula mais agradável possível. Isso implicará consequentemente, tanto para o professor, como para os alunos, uma atmosfera de respeito, mutualidade e interação, não de maneira tímida, mas com força, foco e determinação.

Na última etapa da atividade, a Equipe A teve que responder ao jogo construído pela Equipe B e vice-versa. Cada equipe teve o tempo de 10 minutos para preencher corretamente a cruzadinha com o vocabulário proposto. Nessa perspectiva, entendemos que jogos eletrônicos podem auxiliar na fixação de vocabulário de línguas estrangeiras. Para Zilles (2001), o ensino de vocabulário é eficaz para todas as séries.

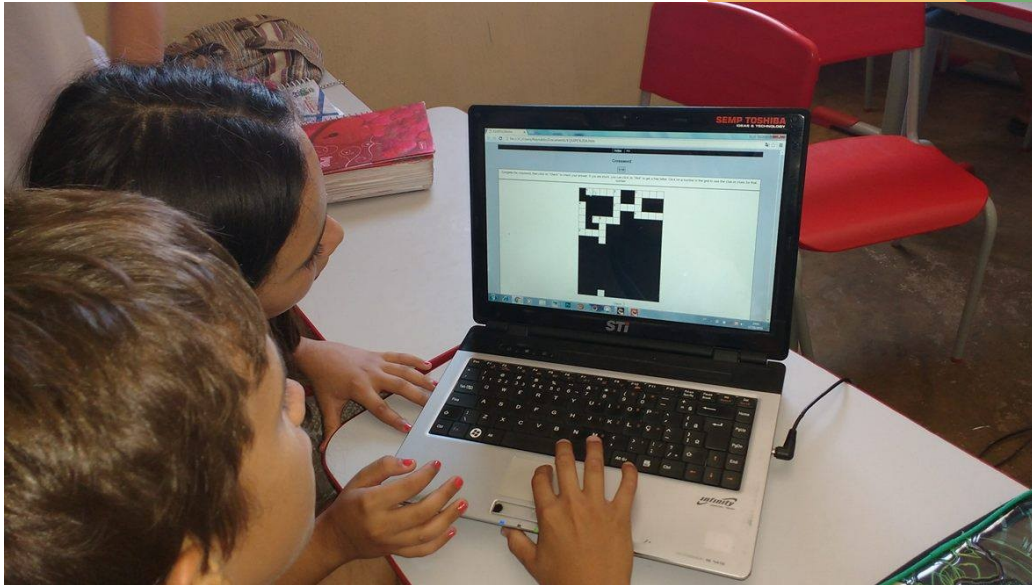


Figura 2 – Uso do *Hot Potatoes* (JCross) - Arquivo pessoal

Na etapa final, em que os alunos responderam as palavras cruzadas, pudemos verificar um bom nível de interação entre os participantes das duas equipes. Isso refletiu na realização da tarefa, uma vez que percebemos a execução acontecer em tempo hábil e com excelentes níveis de acertos. Essa ferramenta, dentre outras do *Hot Potatoes*, pode contribuir para o desenvolvimento das aulas com atividades que promovam interação, motivação e aprendizagem.

Dessa maneira, vale destacar o quanto essa atividade foi relevante para a dinâmica da sala de aula. Ter acesso a uma forma alternativa de educação e aprendizagem dentro do ambiente escolar e poder interagir com os colegas durante a aplicação faz dessa experiência válida em termos sociais e de desenvolvimento cognitivo.

Considerações Finais

Na maioria das vezes, ao chegarmos às nossas salas de aula, especialmente em escolas públicas, encontramos muitos alunos que não veem sentido nas aulas de línguas estrangeira. Por diversos motivos, falta-lhes perspectiva de futuro, interesse para a aprendizagem. Diante desse cenário, a escola está cada vez mais desafiada a contornar a realidade social que tem afastado o alunado do alvo do conhecimento.

Nesse sentido, como professores, somos chamados a desapegarmos das aulas tradicionais e vivenciamos como cada vez mais dinamicidade aquilo que queremos compartilhar com os nossos alunos. É preciso usar as TDIC pedagogicamente a nosso favor, uma vez que são tão presentes na

vida dos alunos. Há diversos mecanismos que podem nos auxiliar nessa missão. Todavia, é do professor o papel de dar sentido às metodologias e recursos que são utilizados em sala de aula. É preciso haver uma harmonia entre as tecnologias, os métodos e o processo e ensino e aprendizagem. Quando o aluno enxerga a sua realidade no ambiente escolar, sente-se mais livre para adentrar-se no processo de aprendizagem, sente-se mais motivado para realizar aquilo que lhe é proposto.

Acreditamos que um bom planejamento, aliado à estratégia e dinamicidade podem propiciar uma boa aula, e acima tudo um excelente ambiente de aprendizagem. Não podemos ficar inertes e fazermos de conta que não estamos vendo a evolução do mundo, também dentro das nossas escolas. Cabe a nós, vestirmo-nos da busca, da pesquisa, da inovação, da criatividade e da intrepidez para oferecermos aos nossos alunos aquilo que temos de melhor: o conhecimento.

A partir desse artigo, refletimos que programas e softwares simples podem ser úteis nesse processo de inserção tecnológica na sala de aula. Discutimos que trazer a realidade digital dos alunos para a escola pode contribuir para a motivação das aulas de língua inglesa. Dessa maneira, novas formas e meios podem ser experimentados e pesquisados em outros contextos, a fim de que tenhamos cada vez mais contribuições para a reflexão da prática pedagógica.

Referências

ANTUNES, J. C. **Hot potatoes: Guia de utilização**. Centro de Competência da Beira Interior, 2006. Disponível em: http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/smed/inclusaodigital/materiais2013/tutoriais/hotpotatoes_6.pdf Acesso em 28/05/2016

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96**. Art. 26, parágrafo 5º, LDB, Lei 9.394/96

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Tereza e MATOS, Filipa. **Aprender línguas estrangeiras no século XXI: teletandem através do skype**. In Educação, Formação & Tecnologias, dezembro 2012. p. 85-95. Disponível em: <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/viewFile/308/173> - acesso em: 14 de abril de 2016.

DEMO, P. **Olhar do educador e novas tecnologias**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 15-26, mai./ago. 2011.

FRIGOTTO, Márcia Maria. **As relações estratégias de aprendizagem, motivação e aprendizagem de língua estrangeira**. UTFPR Curitiba: 2006. Disponível em:

<http://www.calem.ct.utfpr.edu.br/monografias/MarciaMariaFrigotto.pdf> acesso em: 24 de setembro de 2016.

Gabriel, F. R. M. **O ensino de língua inglesa na percepção dos discentes do ensino fundamental.** Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

LEFFA, V. J. **O ensino do inglês no futuro: da dicotomia para a convergência.** In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandyrá Cavalcanti. Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: Editora UnB, 2003. p. 225-250.

PERINE, C. M. . **Motivação docente: o professor de inglês da escola pública.** Revista Idéias, v. 27, p. 1, 2011. <http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20pdf%20revista%2027/motivacao%20docente%20o%20professor%20de%20ingles.pdf> acesso em 24 de setembro de 2016.

PRESTES, M^a L. de M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** São Paulo: Rêspel, 2012.

RAMOS, D. K; ROCHA, N. L; LUZ, M. L; SILVESTRIN, D; SCHMAEDECH. **DO uso de jogos eletrônicos para o exercício das habilidades cognitivas: relato de uma experiência no ensino fundamental.** In: Lynn Alves; Jesse Nery. (Org.). Jogos Eletrônicos, Mobilidades e Educações Trilhas em construção. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2015, v. 1, p. 293-305.

SANTOS, Eliana de Santos de Souza e. **O ensino da Língua Inglesa no Brasil.** BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras n.01, dezembro de 2011 Disponível em: http://www.babel.uneb.br/n1/n01_artigo04.pdf Acesso em: 24 de setembro de 2016.

SCHÜLTZ, R. **“Motivação e desmotivação no aprendizado de línguas”.** English made in Brazil. 2003. Disponível em: < <http://www.sk.com.br/sk-motiv.html> > . Acesso em: 24 de setembro de 2016.

SCHÜLTZ, R. **“Motivação e desmotivação no aprendizado de línguas”.** English made in Brazil. 2003. Disponível em: < <http://www.sk.com.br/sk-motiv.html> > . Acesso em: 24 de setembro de 2016.

SIMÕES, Anatólia Madalena Ferreira. **A sala de aula de Língua Inglesa e as mídias: considerações a partir de um estudo de caso.** In I Encontro da Associação Nacional de Política e Administração em Educação. Alagoas: 2010: Disponível em <http://epealufal.com.br/media/anais/550.pdf> acesso em 24 de setembro de 2016.

VIAN JR, Orlando. **Língua e Cultura Inglesa.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.